

CARTAS À REDAÇÃO

Respeito ao Candomblé

— Leio no DP, edição do dia 19.04.80, uma carta do sr. Coaracy Nunes, que tem como enfoque a “Falta de Pudor”.

No conteúdo da carta, o missivista diz no 4º parágrafo. “Será que fato tão lamentável não penetra na mente de algumas pessoas ilustres e de tantos homens do mundo artístico que prestigiam e fazem fé nessa coisa abominável: — candomblé — que chamam ofensivamente de religião?”.

O sr. Coaracy Nunes ao deplorar o mau comportamento do festivo Babalorixá conhecido por Edu, estou de pleno acordo, porque o homem ou

mulher que é escolhido por OLORUM (deus) para dirigir centros de Religião Afro-brasileira, deve ter uma conduta ilibada, bom comportamento moral e sobretudo ser de bons costumes.

Quanto ao problema de se pronunciar palavras consideradas ofensivas, não creio que seja uma exceção de Babalorixá, porque estes são tão humanos quantos os pastores protestantes, os advogados, os sociólogos (vide “O Dicionário do Palavrão e Termos Afins” de um sociólogo-etnógrafo) e tantos outros representantes de classes ou castas sociais.

Entretanto discordo que diz o missivista parágrafo citado, uma vez que o Candomblé não é uma coisa muito menos abominável, não tão pouco se ofende as religiões ao assim também incluir o Candomblé como tal, pois a religião afro-brasileira é respeitável como qualquer outra.

Recomendo ao autor carta a leitura do artigo “Milagre e Pai-de-Santo” escritor e poeta Mauro Mota DP, edição do dia 20.08.78.
José Amaro Santos da Silva
— Recife

O que se passa com a mente dos indivíduos que mergulham em estado de meditação profunda? É uma pergunta que tem intrigado os estudiosos de diversos campos e espantado os leigos. A meditação profunda seria um embuste? A questão continua em aberto, mas, por ora, um conjunto de evidências permite afirmar, que a mente é realmente capaz de transe profundos, mesmo sem a necessidade de drogas. Para tanto, basta a concentração, ou a fixação num determinado ponto, sendo com freqüência a música o recurso mais utilizado para se atingir esse ponto — principalmente nas regiões de origem africana.

Já existem mais do que evidências: pesquisas sistemáticas, com observações criteriosas e mensuradas, estabeleceram diversos parâmetros sobre os níveis de meditação em que a mente pode mergulhar, sem que o indivíduo perca, de todo, o contato com a realidade que o cerca.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

A mania da racionalização incluiu até mesmo os fenômenos religiosos e de meditação como objeto de investigação científica. Em São Francisco, Estados Unidos, há um ativo grupo dedicado a essa atividade: a sociedade de Estudo Científico da Religião. Mas o estudo pioneiro nesse sentido continua sendo o de Margarita Laski, realizado em 1961. Para justificar a realização desses estudos, ela disse:

— Meu primeiro desejo foi saber se estas experiências de êxtase eram raras ou comuns, mas não tive condição de entrevistar uma parcela significativa da população. Limitei aos amigos.

Mesmo assim, a sua pesquisa teve resultados que podem ser considerados surpreendentes: de 63 dos seus amigos, 60 se consideravam como tendo passado por uma experiência de êxtase. Outro estudo considerado bastante significativo, segundo os especialistas na matéria, é o de Brasil Douglas Smith, realizado em 1971. Ele procurou pessoas que haviam passado por experiências místicas e religiosas. Seu objetivo era o de confrontar essas experiências com as impressões dos psicóticos e neuróticos e, assim, verificar uma velha tese: a de que as experiências místicas e religiosas geralmente eram vividas por loucos. Ele próprio tomou

uma iniciativa algo inusitada, publicando uma carta em nove jornais ingleses manifestando o desejo de entrevistar pessoas que, de alguma forma supunham ter entrado em contato com Deus. Teve o cuidado de mencionar três tipos de experiências básicas desse tipo, concluindo a sua carta dessa maneira:

“Caso qualquer dos leitores tenha passado por qualquer um desses três tipos de experiência, eu ficaria muito grato por uma pequena descrição de tal experiência, juntamente com a idade em que a experiência se deu”.

Porém o estudo considerado mais sofisticado até agora é o de Greeley e McCready.

Todos, porém, concordam num ponto: não foi observado na pesquisa qualquer sintoma de anormalidade psíquica nas pessoas costumeiramente afeitas a transe e meditações profundas, ao contrário do que se pensava comumente.

MEDITAÇÃO E EXPERIÊNCIA

Num estudo-pesquisa assinado por Karlis Osis, Edwin Boker e Mary Lou Carlson, do “American Society for Psychical Research”, há a afirmação de que “do ponto de vista histórico, a meditação é sobretudo uma prática que visa à indução da experiência religiosa”. Os autores fazem, contudo, uma diferenciação em relação à oração, sob o argumento de que esta é uma inclinação predominante verbal “para uma divindade pessoal externa”.

A diferença da meditação não religiosa, é especialmente, a manifestação não verbal, uma vez que o seu estado puro exige o que se conhece como “silêncio mental” absoluto. Esse silêncio mental é obtido, ainda segundo os autores, por meio exclusivamente de pensamentos e imagens, ou “concentração mental”, pela observação da própria respiração, da chama de uma vela, ou através da fixação da imagem mental, como a de um lótus, de uma mandala, de uma luz, do semblante de Cristo ou de algum guru.

Em outro extremo, alguns pesquisadores lembram as práticas dos pais de santo das religiões afro-brasileiras. Geralmente eles atingem, ou induzem, a meditação, recorrendo a métodos que o leigo dificilmente percebe: a “consulta” num quarto



*Os
êxtases
nos
cultos
afro-brasileiros
são
conseguidos
através
do
som
e da
dança...*



...e sempre com a fixação de imagens, como elemento catalizador da concentração

abafado e muito calorento, que impede a oxigenação do organismo, quase sempre com muitas imagens, panos de cores que proporcionam relaxamento e capacidade de concentração. Os cânticos de umbanda e xango também são hipnóticos e ritmicos, como o são todos os cânticos de seitas. A esse propósito, os estudiosos também fazem uma ligação com os cultos de certas religiões protestantes, que se utilizam, da mesma maneira, da prática do auto-hipnotismo por meio de canções e hinos. Uma característica dessas canções é a sua repetição monótona, com propósito evidente de fixação mental.

O problema da meditação só agora está tendo uma apreciação mais abrangente. A ciência moderna o está relacionando com certas possibilidades mentais, do raciocínio especulativo e não matemático, através do qual os seres humanos teriam possibilidade de chegar a conhecimentos que o raciocínio prático e dualístico não permite.

— A meditação efetiva — anota Mary Lou Carlson — induz a mudanças radicais no modo de experimentar do meditador. Ele é descrito em termos como "consciência expandida", "unidade", "estar na luz", etc.

E completa:

— O estado meditativo é classificado como um estado alterado da consciência. Embora ele possa ter alguns elementos em comum com outros estados alterados da consciência, tais como a experiência hipnótica ou de droga psicodélica, os meditantes tendem a enfatizar a natureza espiritual de sua experiência. Neste aspecto ele se assemelha mais à experiência culminante, que é um estado alterado da consciência descrito por Maslow em 1968.

Outra questão de não menor im-

portância é saber até que ponto têm valor as experiências objetivas dos estados meditativos. Ou por outra: quais as utilidades práticas, para o meio, que esse exercício mental pode ter, além o de melhorar e alargar o universo exclusivamente interior. A resposta para essa pergunta é algo polêmica.

Um eminente psicólogo de Chicago, depois de uma série de testes com indivíduos em transe de meditação e contemplação mística, afirmou estarem eles em melhores condições psíquicas do que o comum dos mortais, sendo capazes de um relacionamento mais sadio.

— Isso significa dizer — disse ele — que essa prática é salutar também para a coletividade, desde que vulgarizada. Por que não tem o homem ocidental o costume de recolher-se a si próprio com a necessária profundidade? Por que não pode o homem ocidental meditar e procurar, dentro de si mesmo, com toda honestidade, a verdadeira explicação para a vida? Do meu ponto-de-vista, é um exercício espiritual muito mais saudável do que o de ir às igrejas apenas para cumprir uma obrigação com a consciência, sem que essa frequência compulsória tenha qualquer efeito de real profundidade e duradouro.

Karus Osiris, por outras palavras, parece referendar esse pensamento. Ele salienta:

— A história da prática cognitiva e o nosso próprio trabalho exploratório indicam que a meditação não pode ocorrer completamente num vácuo cognitivo. Parece que o conceito central é uma crença numa realidade espiritual sentida como mais ampla do que o eu pessoal.

UM EXEMPLO

O exemplo mais comum nas experiências com os meditativos é o da

percepção de que o eu percebido "não é mais o equivalente ao corpo".

— Tornei-me inconsciente da parte do meu corpo. — diz o relato de um dos sujeitos de uma das experiências — Minhas mãos se tornaram como algo que não fizessem parte de mim. Elas se tornaram tão completamente relaxadas que parecia que eu não mais possuía mãos, o mesmo acontecendo com os meus pés.

Os pesquisadores notam que "mesmo a parte central do corpo pode perder sua identidade com o eu".

O sujeito da experiência feita por Raimond Prince disse o seguinte:

— O que eu notei a seguir foi algo realmente novo para mim, uma sensação de não possuir corpo. Tive um sentimento de ser somente uma cabeça, somente um ponto ou um foco de consciência. Eu sabia que ainda possuía um corpo, mas ele parecia estar em algum outro lugar e a cadeira na qual eu estava sentado, o quarto e tudo o mais pareciam estar um pouco afastados de mim. Não muito longe, mas era uma espécie de separação que eu nunca havia experimentado anteriormente.

Prince acentua a impressão de que a "imagem corporal não é mais o centro absoluto em redor do qual se organiza o mundo perceptual".

Toda uma série de importantes modificações sensoriais ocorrem nos estados de meditação e transe profundo, indicando que o ato de voltar-se para dentro de si mesmo, sem o auxílio de drogas ou de qualquer método artificial, é uma propriedade de todo homem. A ciência moderna busca encontrar essa capacidade em mecanismos ainda desconhecidos do cérebro. A parapsicologia acha que, através desse é o verdadeiro caminho para se chegar à explicação dos chamados poderes paranormais.

Ritmos primitivos pesquisados

Em Olinda, um grupo de pessoas começaram a se reunir no Centro de Cultura Luís Freire e, desses contatos, surgiu a idéia de se criar um trabalho conjunto, utilizando os ritmos de nossa cultura no que tem ainda de mais primitivo e, através da expressão do corpo, montar um espetáculo musical.

Novos elementos foram surgindo, a idéia ganhou força e, com o decorrer das reuniões,

o grupo fixou-se no desenvolvimento de um trabalho baseado na cultura africana, no papel do negro na formação da sociedade brasileira. Nada mais próprio, pensaram eles, que dar ao grupo o nome de **Negração: Negro + Ação.**

O que estas treze pessoas pretendem é desenvolver uma pesquisa a longo prazo, utilizando a expressão corporal, música e literatura, com base em levantamentos históricos e

nas próprias experiências de cada um. **Negração**, dizem, aborda a problemática do negro, mas "não só por negros e para negros, e sim de pessoas para pessoas".

Neste dia 13, que a História nacional fixa como a data da Abolição da Escravatura, eles irão mostrar, às 20 horas no Centro de Cultura, o estágio em que se encontra esta pesquisa. O título: **Dona Isabel não Aboliu Nada.**

Sociólogo afirma que o negro ainda não foi liberto

Há 92 anos atrás a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, libertava os escravos no Brasil. A data é comemorada hoje pelo grupo Afro-pernambucano com a inauguração, às 19h30m no DCE, do Centro de Cultura Afro-brasileiro.

O Centro tem como objetivo conscientizar, racialmente, o negro da sua identidade étnica, historicamente perdida, além de promover ciclos de estudos, palestras, pesquisas referentes à vida, hábitos e costumes, com finalidade de aprimorar os conhecimentos da comunidade afro-brasileira associada.

Para o presidente do Centro, o sociólogo Sylvio Ferreira, um povo sem conhecimento de sua história, é como uma árvore sem raiz. "O movimento surgiu" — diz Sylvio — "pela necessidade de buscar essa raiz. Semanalmente, membros da comunidade afro-pernambucana se reuniam para estudar histórica e sociologicamente a participação do negro no Brasil. O dia 13 de maio, por exemplo, é visto pela historiografia oficial como um presente dado aos negros pela princesa Isabel. O que não é verdade. A libertação dos negrões é decorrente de uma luta travada por eles, em movimentos como o de Male e Haussa".

"Não se pode, por outro lado, atribuir aos interesses ingleses a assinatura da Lei Áurea. Claro que, como um país capitalista interessado em abrir mercados consumidores para suas mercadorias, a Inglaterra pressionou o Governo brasileiro para abolição da escravatura. Mas, não pode ser visto como única causa. Para nós, do movimento negro, o principal foi a luta dos negros. A Inglaterra ainda não era um país capitalista quando os negros do Haiti em 1804 se libertaram da escravatura. Foram lutas de negros".

Não entendendo o dia 13 de maio como o da libertação do negro "porque esse ainda não foi liberto", Sylvio explica que, só o modo de exploração foi modificado. "O negro — diz — passou da exploração do regime escravocrata para a de exploração pelo regime capitalista. O negro com o seu suor construiu o Brasil, e é o que menos usufrui dele.

Um fator de diluição da cultura negra apontado por Sylvio é a miscigenação. "A miscigenação deveria ser o encontro das raças — argumenta — de troca mútua, de compreensão. Infelizmente, não é o que ocorre. O homem branco utiliza a mulher negra como objetivo de prazer e o homem negro muitas vezes usa a mulher branca para ascender socialmente. A nossa história só agora começa a ser buscada, de uns três anos para cá. Por pressão de grupos negros, começou a ser buscado em linguagem acadêmica, por intelectuais negros, o discurso científico da nossa realidade".

PRECONCEITO

Diferenciando o preconceito no Brasil, como o preconceito de ter preconceito, porque se dá de forma indireta, camuflada, Sylvio acusa o veto aos negros ao trabalho onde é necessário um contato direto com a clientela. Para não falar da entrada de serviço sempre apontada aos negros em edifícios. "Nosso movimento visa a abolição do racismo — diz — e ele não é pequeno. Só brancos pouco, sensíveis ao problema do negro pode negá-lo. É uma conquista do nosso movimento a inclusão do item cor no censo de 80, apesar dele só estar incluído em cada 25 de 100 questionários aplicados.

Com respeito ao ressurgimento da Klu-Klux-Klan nos Estados Unidos, o Movimento Afro-pernambucano, é de opinião que todos os negros devem se solidarizar com os negros norte-americanos na sua luta com o racismo, não devendo terem uma visão local, mas de raça.

O movimento negro tomou vulto em 1977 quando em São Paulo foi feito um ato público para denunciar a população das reais condições do negro. O motivo, uma prisão irregular de um jovem negro e a proibição do Clube Regata do Tietê da entrada de um negro na sua sede. Negros estariam, automaticamente, associados a marginais. De lá para cá o Movimento Negro tem crescido, principalmente, no Rio, em São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Maranhão.

PROGRAMAÇÃO

Dando posse à diretoria do Centro Cultural, o grupo Afro-pernambucano estará promovendo no DCE uma palestra sobre "O significado do dia 13 de maio" às 19h30m. À tarde, Sylvio Ferreira estará na escola Hermilo Borba Filho, onde falará de Zumbi e sobre a libertação dos escravos, para crianças da oitava série.

Raízes negras

Há noventa e dois anos a princesa Izabel assinava a Lei Áurea. É pena que esse momento extraordinariamente rico e simbólico das relações raciais no Brasil venha perdendo espaço comemorativo no chamado mundo oficial.

Não estamos pensando em feriados e, sim, num pólo de estudos, revisões, análises, uma espécie de inventário anual do que estaríamos fazendo em prol da nossa integração étnica, sobretudo, no sentido de abrir novas oportunidades à raça negra, para qual a libertação das senzalas não parece ter significado ascensão social ou econômica.

Sejamos claros. Há uma interpretação o seu tanto romântica da escravidão e da chamada democracia étnica brasileira que pedem, faz muito tempo, uma reinterpretação. Quase um século depois da vitória abolicionista certas ilusões já não têm mais razão de ser. Ignorar esse fato é alimentar um revisionismo histórico que por aí anda, carregado de dinamites políticas e que procura engajar a luta pela total libertação do negro a um quadro ideológico, acentuadamente, extremado.

Somos uma Nação africanizada, o que não é um elogio, nem uma restrição, mas um dado histórico com o qual temos de nós ocupar e dele arrancar todo rendimento possível, nessa época em que a ciência sepultou, para sempre, a falácia da superioridade racial. O etnocentrismo é, hoje, uma doença ideológica, jamais um fato científico.

A persistência de preconceitos, entre nós, impossível de não ser detectada, por mais que se esconda através de fórmulas hábeis, eis um campo que bem poderá ser desmitificado mediante uma obra educacional, de profundidade. A riqueza dos valores afro-culturais que herdamos dá a experiência humanística que estamos tentando viver um fermento revolucionariamente criador e belo. Urge pensar o 13 de maio não como uma obra acabada, mas, como o fez de certo modo, pioneiramente, Nabuco, um pedaço de caminho. Se somos, como acreditamos, uma sociedade multi-racial, que o sejamos não como adversários que se disputam, mas, como irmãos que se ajudam.



Os alunos da Escola Oliveira Lima, no Cabo, encenam a peça "A Participação do Negro no Brasil"

Estudantes "escravos" comemoram a Abolição

O dia da Abolição foi comemorado ontem no engenho Massangana, onde Joaquim Nabuco passou sua infância. Entre sinhazinhas, mucamas e escravos, estudantes do primeiro e segundo graus do Cabo, assistiram à peça "A Participação do Negro no Brasil", encenada pelos alunos da Escola Oliveira Lima.

A comemoração começou às 16h30-min com a presença do secretário de Educação e Cultura do Estado, prof. Joel de Holanda, que falou da participação de Pernambuco nas lutas pela abolição. Em seguida, o grupo formado por 25 estudantes sob a direção de Ulisses Dornelas apresentou a peça onde mostrava desde a chegada dos escravos ao Brasil até a abolição da escravidão.

O motivo da festa variava muito entre os estudantes presentes. Célia Freire, aluna da Escola Eptácio Pessoa de 13 anos achava que era uma homenagem a princesa Isabel. Ana Maria, da sexta série da Escola Cláudio Guziros disse que a festa era para comemorar o dia de Joaquim Nabuco, José Carlos da 5ª série não sabia por que estava ali.

O evento foi organizado pela Secretaria de Educação e Cultura e contou com a presença do prefeito do Cabo, José de Lima, a secretária de Educação do Cabo, Alzira Oliveira Sena, Carlos Brotherhood, representando o secretário

do município de Recife, Orlando da Cunha, representante do Conselho de Cultura do Estado.

ENGENHO MASSANGANA

O Engenho Massangana fica no Município do Cabo. Pertence hoje ao Incra, e foi onde Joaquim Nabuco passou sua infância. O engenho, que pertencia a seus padrinhos, preserva ainda em bom estado a casa grande, a senzala e a capela de S. Mateus. A casa, decorada no estilo da época, dá uma idéia do ambiente em que vivia os senhores de engenho. A vida de Nabuco neste engenho foi marcante para transformá-lo num grande abolicionista.

Movimento Negro, a luta pela paz com os brancos

Unir, conscientizar, culturar e cultuar as tradições africanas, preservando o bom entendimento com os brancos e os índios brasileiros, são os objetivos do Movimento Negro Unificado Brasileiro, cuja diretoria provisória-Secção de Pernambuco, tomou posse ontem — Dia da Abolição da Escravatura — no Diretório Central dos Estudantes da UFPE.

Seus membros, face aos preconceitos e discriminações raciais que segundo denunciam, ainda existem no Brasil, afirmam que a abolição da escravatura foi uma “balela” e se propõem a

lutar, através de uma dinâmica de comunicação social, política, econômica e científica, para que haja a tão almejada paz no Brasil.

Foram empossados o prof. Sílvio Ferreira — presidente; profa. Margarida Souza — vice; Josué Souza Dantas — secretário; sargento Walfrido Francisco do Carmo — orador oficial; historiador Carlos Santos — diretor do Dep. Futebol e Desportos; Hilton Paula Santos — Departamento de Trabalhos e Palestras Extraordinárias; jornalista Wanda Cheese — Departamento Cultural; Lígia Bastos — Comunicação.

Culto Nagô em debate

“A Simbologia das Cores da Indumentária no Culto Nagô” é o tema da palestra a ser pronunciada pelo maestro e pesquisador José Amaro Santos da Silva, às 16 horas do sábado, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, em Olinda, dentro do programa de animação cultural daquele estabelecimento, promovido pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado.

A diretora do MAC, Mary Gondim, convida os interessados no estudo e/ou conhecimento da cultura afro-brasileira a assistirem à conferência do especialista que será animada com o desfile das figuras principais do “terreiro” de Manoel Dodé. O público poderá participar com perguntas e debates.

O programa de animação cultural do MAC foi iniciado no mês de abril e vem merecendo boa acolhida da população, especialmente dos estudantes de todos os níveis de escolaridade, que ali comparecem para realizar trabalhos extra-classe. Assim aconteceu nos encontros anteriores, com o babalorixá “pai” Edu e a folclorista Elza Loureiro. A entrada no MAC é franqueada a qualquer pessoa.

A palestra do professor José Amaro será bem dinâmica e ilustrada. Ele falará sobre a simbologia das cores da indumentária dos orixás — pois elas caracterizam o próprio Ethos, caráter ou vibração afim de cada entidade.

De modo geral, as vestes no culto nagô se chamam “Axó”. Nas saídas de Yaô, ou em ocasiões especiais, os afilhados dos orixás, estes geralmente consagrados, se vestem com o axó próprio para a ocasião. Na sua palestra, o especialista relacionará os tipos de indumentária de cada orixá, dando-lhes a significação, e interpretará a variedade de cores utilizadas em cada uma das vestes.

A palestra será ilustrada com a mostra de algumas indumentárias e animada com desfile de figuras do “terreiro” de Manoel Dodé, devidamente caracterizadas.

Culto Nagô é tema de mostra no MAC

Desfile de figuras do terreiro de Manoel Dodê, devidamente caracterizadas com as indumentárias dos seus orixás, e mostra de algumas peças de adorno de vestimentas do candomblé, acontecerão, no MAC, em Olinda, a partir das 16 horas de hoje, quando o prof. José Amaro falará sobre "A Simbologia das Cores da

Indumentária no Culto Nagô".

A promoção faz parte da programação de animação cultural do MAC, promovida pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, aberta ao público em geral, que pode participar do acontecimento com perguntas e debates em torno dos assuntos enfocados nos mostrados.

Centro de Raça Negra contesta nota publicada

A diretoria provisória do Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra — CECERNE — empossada no dia 13 de maio último passado, através do seu presidente comunica à população pernambucana em geral e a comunidade afro-pernambucana em particular que a diretoria provisória não concorda com o corpo da matéria publicada na imprensa local.

Tendo em vista que: o CECERNE é uma entidade autônoma, não estando vinculada a nenhum outro movimento congênera no País, como foi divulgado, bem como, aproveitando a oportunidade mais uma vez, informa que a diretoria provisória empossada está assim constituída: Sylvio Ferreira (presidente), Margarida Barbosa (vice-presidente); Maria Nogueira (1ª secretária), Josué Honório (2º secretário), Inaldete Andrade (tesoureira) e Wanda Chase (Relações Públicas).

O presidente Sylvio Ferreira, comunica ainda a inexistência dos Estatutos da entidade de alguns cargos, mencionados na matéria, tais como: Orador Oficial, Diretor do Departamento de Futebol e Desportos e Departamento de Trabalhos e Palestras Extraordinárias.

Diário de Pernambuco - 21/05/1980: "Casamento á brasileira: uma instituição ainda firme e forte", p.c01.



Apesar dos modismos e associações sexuais moderninhas tipo swing, uniões homossexuais, família grupal, o casamento continua uma instituição firme e forte

Casamento, uma instituição tão antiga como a própria organização social. Inicialmente, os casamentos totêmicos não tinham a preocupação com a fidelidade conjugal e os filhos. Na Antigüidade predominavam os casamentos poligínicos, a forma de poligamia onde o homem tem várias esposas. Nas Ilhas Polinésias ocorreram casamentos poligândricos, onde a mulher desposava vários homens de uma mesma família. Hoje predomina o casamento monogâmico, e a "família conjugal moderna" caracteriza-se pela repartição de autoridade entre o pai e a mãe. Como anda o casamento, hoje, no mês mariano de 80, mês preferido pelos noivos? Com a palavra, um casal unido há 60 anos, uma noiva moderna, um pastor presbiteriano e um babalorixá.

Os grandes amores da História não foram felizes no casamento. Marco Antônio e Cleópatra casaram pelo ritual egípcio, porém ele já era casado em Roma. Romeu e Julieta tiveram o casamento frustrado pelo suicídio. Abelardo e Heloísa viveram um amor silencioso e triste nos conventos, trocando belíssimas cartas de amor. Rodolfo de Habsburgo e Maria Vetsera preferiram o suicídio no pavilhão de caça de Mayerling, por não poderem casar, e com isso causaram um sério problema de sucessão no trono da Áustria-Hungria. Mas, apesar dos modismos e associações sexuais modernas tipo swing, uniões homossexuais, família grupal, o casamento continua uma instituição firme e forte.

UM CASAMENTO À ANTIGA E UMA NOIVA MODERNA

Um Recife com apenas 250 mil habitantes, com bondes puxados a burro, locomotivas movidas à lenha, para os subúrbios, e muita fartura nos alimentos, foi o cenário, em 1920, para o casamento de Izabel e Heitor de Andrade Lima, em 24 de abril. Hoje, dona Bebê está com oitenta anos e o professor Heitor, aposentado da UFFe, com oitenta e seis. Mas eles se recordam, como se fosse ontem, do dia em que casaram. "Foi tudo muito diferente de hoje — afirma dona Bebê — embora se usasse o vestido branco, ele era curto. Porém, não dispensávamos a capela de flor de laranjeira, o véu, curto, e o buquê. Não havia órgão nem coro".

Naquela época todo casamento era a rigor, com os homens usando casaca e chapéu; a cerimônia, rápida, pois não havia missa; apenas uma pregação do padre. O indispensável era um passeio na cidade, depois da Igreja, em um dos dois únicos Landaus, de aluguel, existentes. E sem fotografias, pois em 1920 não havia, ainda, o hábito dos álbuns de noivas. Hoje, dona Bebê tem dezoito bisnetos, e faz questão de dizer que o amor que a une ao professor Heitor é o mesmo de sessenta anos atrás. E dá a receita desta união tão ajustada: "É necessário ter muito amor, calma e amizade. Além disso, o casamento tem que ser realizado com muito amor por parte dos dois".

Leda Maria, uma jovem recém-casada, prefere não dizer o sobrenome, "para que não haja desilusões para ambas as famílias. "Seu casamento, seu noivado demonstram uma realidade dos hábitos de hoje. Eis o seu depoimento: "Tenho vinte e quatro anos e casei em princípios de maio, exatamente no dia 2. Escolhi o mês mariano a pedido de minha mãe, ca-



*Começam a ser freqüentes os casamentos na umbanda,
feitos, em Olinda, pelo Pai Edu*

tólica, conservadora, suburbana, daquelas que ainda fazem mês de maio com visita da Santa, em casa. Minha família é muito conservadora e ingênua, vinda do Interior. São daquelas que exigem véu, grinalda, festas e virgindade. Houve tudo isso, menos a virgindade. Eu e Luís éramos noivos há dois anos, e há dez meses transávamos sexo de uma forma boa e adulta. Só que a família dele e a minha jamais souberam”.

“Casei como manda o figurino, com vestido feito por figurinista de nome, grinalda encomendada, cânticos, fotografias, Igreja decorada e repleta de parentes e colegas de colégio. Não dei importância ao fato. Eu e o Luís casamos de forma tradicional, respeitando o desejo de nossas famílias, principalmente das nossas mães. Acho isso muito importante. O jovem de hoje deve respeitar as gerações antigas; se aquilo não faz mal, por que levarmos desgostos, com um casamento não tradicional, àqueles que amamos? Apesar de ter uma visão mais moderna e mais simples da vida, às vezes faço o que meus velhos querem, por respeito e muito amor.

“CASAMENTO ECUMÊNICO NÃO EXISTE”

Uma inovação nestes tempos modernos seria o casamento ecumênico onde, numa

mesma cerimônia, participariam de sua celebração um padre e um pastor, ou com um babalorixá, por exemplo. Mas a Igreja Presbiteriana do Recife, na voz do pastor Israel Gueiros, nega-se à participação num ato religioso deste tipo. E o pastor Israel explica porque: “Entre os realmente evangélicos este casamento não existe. Nós não admitimos nem o casamento misto, onde um dos noivos não pertença à nossa religião. Se não fazemos este tipo de casamento, quanto mais o ecumênico, juntando ao mesmo tempo um padre, um espírita e um protestante”.

O casamento na Igreja Presbiteriana vai de acordo com a tradição: véu, grinalda, vestido longo branco e damas de honra. “O casal comparece diante do púlpito — explica o pastor — para ouvir a pregação própria do casamento e fazer os compromissos públicos. Hoje, a Igreja Católica copiou os casamentos evangélicos e cita a Bíblia. Pelas palavras, nós não tínhamos nada a opor um casamento católico; mas não concordamos com a sua origem, pois a Bíblia condena, nos livros dos Coríntios: “Não vos ligueis a um jugo desigual com os infiéis (religiosamente)”. Não podemos quebrar os princípios de Deus, permitindo um casamento de infiéis, realizado por um ministro infiel, religiosamente”.

Para o pastor Israel

Gueiros, não é a questão de estar certo ou errado o que os padres dizem; mas é questão de organização; é uma organização religiosa antagônica à Bíblia. “Esta declara uma proibição irrestrita à fabricação de imagens para adoração. É a questão da idolatria — complementa — Então, como é que nós vamos nos misturar com um idólatra? por convicção? E a Bíblia continua: “Maldito o que faz e o que adora as imagens”. Adorar um outro Deus, uma imagem, é adultério espiritual; e isto eu não admito”.

UMBANDA — UM CASAMENTO COM JEITINHO BRASILEIRO

“Muita gente casa na Umbanda. É um casamento que veio salvar a situação, principalmente dos desquitados e divorciados que não podem casar oficialmente. Promovemos um casamento religioso, consagrando a união do casal, unindo o espírito dos dois”. A afirmativa é do babalorixá Pai Edu, que explica sobre a não preocupação com o estado civil das pessoas, apenas exigindo que estejam separadas dos antigos cônjuges. “Aliás, agora é moda desquitados e divorciados namorarem de novo; tem muita gente perdida, buscando reencontrar o amor. A Umbanda resolve estes problemas de desencontro”.

Segundo Pai Edu, muita gente grafina, aqui do Recife, já casou na Umbanda. Mas ele não revela os nomes. Em média, juntando os colunáveis, ou não, são realizados uns dez casamentos por mês. “Só casamos heterossexuais; acho que nunca faremos casamentos homossexuais! Se a Umbanda abrisse para realizar casamentos desse último tipo, eu não teria tempo pra mais nada, a não ser casar os homossexuais”.

Na Umbanda, o ritual do casamento é diferente. A noiva não vem com o pai, e sim com o noivo. A exigência é de levarem um casal de pombos, o símbolo de que os noivos estão se unindo; durante a cerimônia, os animais são libertados. “Quando o casal chega para a cerimônia — continua Pai Edu — os convidados estão esperando. Não perguntamos se querem casar um com o outro porque, se estão ali já é o óbvio. Não pedimos, também, juramentos; isto é coisa do passado. Nem perguntamos se alguém quer impedir o casamento, porque se o casal quer se unir, ninguém vai impedir”. No ritual, os cânticos dos orixás do noivo e da noiva e as palavras do babalorixá. “A recepção — conclui Pai Edu — é feita como quiser. Vai do bolo com champagne, até casquinho de caranguejo ou carne assada. E não cobramos nada pela cerimônia, como nas outras religiões; ela é absolutamente de graça”.

MAC exhibe a cultura Nagô

“A música e a Rítmica do Culto Nagô” será o tema do programa de animação cultural do MAC, hoje, a partir das 16 horas. O folclorista e maestro José Amaro está apresentando cantos e instrumentos utilizados na seita de umbanda, com as necessárias informações e explicações sobre o sentido de cada um deles.

O programa é aberto ao grande público, numa promoção da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, e a diretora do MAC, Mary Gondim, convida à população em geral,

especialmente a classe estudantil, a participar das atividades que ali serão realizadas.

Segundo informações da diretora do MAC, tem sido muito boa a afluência da comunidade pernambucana às tardes de animação cultural que ali estão sendo promovidas, desde o início deste mês, e no sábado passado, por exemplo, mais de 100 pessoas compareceram para ver o desfile dos integrantes do terreiro de Manoel Dodê, com as indumentárias típicas de cada função e características dos orixás da seita.

Os programas de animação cultural do MAC visam a aproximar a comunidade do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, com programas atrativos, que servem de lazer e, ao mesmo tempo, enriquecem os assistentes com a ampliação de conhecimentos e informações sobre assuntos da cultura popular.

A iniciativa vem sendo prestigiada pelos colégios e educandários da rede oficial de ensino e da particular, com atividades extra-curriculares.